



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANICÉIA RIBEIRO DE LIMA

A personagem Jesus no romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago

Delmiro Gouveia - AL

2018

ANICÉIA RIBEIRO DE LIMA

A personagem Jesus no romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Letras/português da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Delmiro Gouveia - AL

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

L732p Lima, Anicéia Ribeiro de

A personagem Jesus no romance o evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago / Anicéia Ribeiro de Lima. – 2019.
43 f.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Literatura portuguesa - Romance. 2. Romance português.
3. Ficção portuguesa. 4. Saramago, José, 1922-2010. I. Título.

CDU: 82-312.2

FICHA DE AVALIAÇÃO

Anicéia Ribeiro de Lima

**A personagem Jesus no romance *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*,
de José Saramago**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Letras/português da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Letras, habilitação Língua Portuguesa.

Aprovado em 19 / 12 / 2018.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Marcio Ferreira da Silva (UFAL – Orientador)


Profa. Dra. Fábila Pereira da Silva (Avaliador Interno)


Prof. Dr. Heder de Castro Rangel (Avaliador Externo)

A José Saramago, pela inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Márcio Ferreira, por ter aceitado me orientar no trabalho, e pelo apoio nessa jornada.

À minha filha, Maria Clara, razão por qual luto diariamente. Agradeço por seu apoio simbólico durante essa jornada.

Aos professores Dra. Fábiana Pereira da Silva e Dr. Heder de Castro Rangel, por terem aceitado o convite em participar da banca avaliadora.

Ao escritor José Saramago, morto em junho de 2010, por ter escrito livros que libertam as pessoas de suas amarras, trazendo uma discussão sobre o real e seu ideal de mundo sem intercessores nem mediadores para a literatura.

Sem Deus minha obra ficaria incompleta.

(SARAMAGO, José. 2003)

RESUMO

O **Evangelho Segundo Jesus Cristo** (1991), do escritor português José Saramago, traz uma narrativa que objetiva humanizar a figura de Jesus, desmistificando a sua divindade e colocando-a no plano de um ser comum, com vontades e desejos humanos. Neste trabalho, o objetivo da pesquisa é analisar a personagem Jesus, observando seu valor estético que se constrói no romance diante das questões do sagrado. Pode-se dizer que, quanto a escolha desse romance, a contemporaneidade tem dialogado com uma quebra ou reconstrução dos signos estabelecidos, com, por exemplo, o sagrado. Nesse caso, pode-se afirmar que Saramago abre uma discussão sobre os problemas culturais da tradição Judaico-cristã e, ao mesmo tempo, da tradição literária. Os resultados da pesquisa afirmam a intenção do autor de redesenhar a visão do sagrado como se apresenta na personagem Jesus, corpus de nossa análise. Como suporte teórico, nos baseamos nos estudos de Conrado (2011), Elíade (1978, 1992), Dias (2014), Góes (2010a, 2010b) e Coelho (2011).

Palavras-chave: Romance. Personagem. Narrador. José Saramago.

RESUMEN

O **Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991), el escritor portugués José Saramago, aporta una narrativa que tiene como objetivo humanizar la figura de Jesús, desmitificando su divinidad y ponerlo en términos de un ser ordinario, con las necesidades humanas y los deseos. En este trabajo, el objetivo de la investigación es analizar el personaje Jesús, observando su valor estético que se construye en la novela ante las cuestiones de lo sagrado. Se puede decir que, en cuanto a la elección de ese romance, la contemporaneidad ha dialogado con una quiebra o reconstrucción de los signos establecidos, con, por ejemplo, lo sagrado. En ese caso, se puede afirmar que Saramago abre una discusión sobre los problemas culturales de la tradición judeocristiana y, al mismo tiempo, de la tradición literaria. Los resultados de la investigación afirman la intención del autor de rediseñar la visión de lo sagrado como se presenta en el personaje Jesús, corpus de nuestro análisis. Como apoyo teórico, nos basamos en los estudios de Conrado (2011), Elíade (1978, 1992), Días (2014), Góes (2010a, 2010b) y Coelho (2011).

Palabras clave: Romance. Personaje. Narrador. José Saramago.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2.. JOSÉ SARAMAGO: DA VIDA PARA A OBRA E VICE-VERSA	12
2.1. A literatura é a minha crença.....	12
2.2. O romance saramaguiano: o divino, o sagrado e o universal.....	17
3. A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO E DO PROFANO	20
3.1. O sagrado e o profano na literatura	20
3.2. O mundo dicotômico de Saramago	24
4. A PERSONAGEM JESUS EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO.....	32
4.1. A personagem: Jesus humanizado	32
4.2. Entre o narrador e a personagem no romance	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

José Saramago, um dos autores mais importantes dos séculos XX e XXI, nasceu em família de camponeses na província de Ribatejo, Portugal. Exerceu várias profissões, passando a se dedicar, exclusivamente, à literatura, em 1976, aos 54 anos, e ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Polêmico e provocador, suas obras refletem seus ideais políticos, e seu questionamento a respeito do comportamento religioso, talvez uma das características mais marcantes de sua obra. Segundo Aguilera (2010, p. 118), o próprio autor reconhece, ironicamente, que “sem Deus sua literatura perderia o sentido”.

Seu comportamento questionador e a publicação de uma de suas obras mais famosas: **O evangelho segundo Jesus Cristo**, objeto de nossa pesquisa, que resultou em autoexílio nas Ilhas Canárias após a grande polêmica causada com o governo português. O livro foi proibido pelo governo português em 1991, ligado, historicamente a mais tradicional fé cristã.

Este trabalho objetiva analisar, o livro mencionado, a personagem Jesus, que reforça e valoriza características humanas em comparação com questões que sustentam a tradição judaico-cristã. Isso pode ser atestado na narrativa. Com base nos textos teóricos a respeito do sagrado, de acordo com Moiana (2006), há apenas uma maneira de se aproximar de Deus - através do Filho do Homem que deu a si mesmo como resgate pela humanidade.

Podemos dizer que essa pesquisa pretende explorar a influência bíblica na literatura de Saramago, e como personagens principais são associados aos conceitos e definições a respeito do sagrado e do profano, sendo utilizadas pelo autor como questionamento da religião e seus dogmas, que permeiam a sociedade moderna.

Nossa pesquisa tem como *corpus* a personagem Jesus e a relação com o sagrado. Então, para isso, pretendemos discutir o papel atribuído no romance ao personagem tradicional da história bíblica: Jesus, investigando como o romance entre Jesus e Maria de Magdala reage à representação do sagrado; analisando, comparativamente, as personagens do romance em relação ao texto bíblico, para

evidenciar deslocamentos e assimilações; e relacionando a articulação da literatura com o histórico e o mítico, com base no posicionamento dos estudos de base cultural.

Quanto à metodologia, para a realização do projeto, fez-se necessária a leitura da obra para análise, O evangelho segundo Jesus Cristo, focando na trajetória do personagem principal durante o enredo, e como ele se relaciona com conceitos do sagrado.

Foram realizados levantamento e leitura da bibliografia relacionada à crítica literária, ao sagrado e ao trabalho do autor, analisando, formalmente, as obras, observando como se dá a influência da religião nas obras literárias e no texto de José Saramago, cujas discussões teóricas estão centradas no pensamento de Dias (2014), de Moiana (2006), de Lourenço (2015), de Eliade (1978, 1992), de Ferraz (1996, 2003) e de Góes (2010).

Nossa pesquisa está dividida em três capítulos, organizados da seguinte forma:

No primeiro capítulo, José Saramago: **da vida para obra e vice-versa**, como o próprio título sugere, abordaremos a trajetória do autor e sua plena interação com sua obra, inserindo em seus textos o que viveu e o que sentiu, em diversas situações e condições de sua existência precedente.

No segundo capítulo, **A representação do sagrado e do profano**, bem explicitado pelo título, optamos por expor a intenção do autor em definir ambas as condições e suas alternâncias, incluindo técnicas literárias e observações pertinentes de outros literatos.

No terceiro capítulo e último capítulo, **A personagem Jesus em o evangelho segundo Jesus Cristo**, descrevemos os aspectos humanos que o autor atribuiu ao personagem, o modo como o despiu de sua santidade, durante a narrativa, e as dúvidas que acompanharam esse personagem, na versão do romance em questão, por toda sua vida.

2. JOSÉ SARAMAGO: DA VIDA PARA OBRA E VICE-VERSA

2.1. A literatura é minha crença

O que faz um escritor acreditar no valor da literatura? A segunda metade do século XX nos mostra uma tentativa do escritor de sobreviver às diversas crises da linguagem literária, com o advento cada vez mais forte da linguagem midiática. Nesse caminho, entre as décadas de 70 e 90, eclodiu um escritor português que labuta a palavra em busca dessa resposta e diz que “a literatura é minha crença”, subtítulo do nosso capítulo, colocando-nos em um momento de beber da tradição, como faz José Saramago, na maioria dos seus romances.

A crença literária saramaguiana é um néctar individual do autor, que ao bebê-lo nos devolve com elementos estéticos que só o universo da literatura é capaz de universalizar. Portanto, começamos nossa trajetória sobre o autor apresentando esse escritor contemporâneo no tempo e no espaço.

José Saramago é um escritor português, natural de Azinhaga, Golegã, viveu em Lisboa, para onde seus pais se mudaram desde os três anos. Mais tarde mudou-se para Lanzarote, Ilhas Canárias. Concluiu os estudos secundários em 1939, em Lisboa. Dessa forma, podemos perceber que seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico. Depois, foi ainda desenhador, funcionário público nas áreas da saúde e da previdência social, diretor literário de uma editora, jornalista e tradutor.

Colaborou com várias revistas e jornais, como *Seara Nova*¹, *O Diário de Lisboa*², *A capital*³ e *Jornal do Fundão*⁴, publicações em que manteve uma atividade regular de cronista (BIBLIOTECA, 2010).

1 A *Seara Nova* é uma revista fundada em Lisboa, no ano de 1921, por iniciativa de Raul Proença e de um grupo de intelectuais portugueses da época. Na sua origem era uma publicação essencialmente doutrinária e crítica, assumidamente com fins pedagógicos e políticos. A revista prosseguiu com a sua publicação, embora nem sempre regularmente, até ao ano de 1979, atingindo então o número 1598/1599. A partir daquele ano, passou a publicar apenas um exemplar anual para assegurar que, face à lei portuguesa, o título não caducasse, assim se mantendo até ao ano de 1985, quando reapareceu com uma nova série. Agora como revista trimestral, a partir da edição do Verão de 2004 a publicação retomou a anterior numeração, incorporando posteriormente todas as edições, entretanto feitas.

2 O *Diário de Lisboa*, que se publicou entre 1921 e 1990, foi um dos jornais de referência do Século XX português.

Em 1975, exerceu funções de diretor adjunto de *O Diário de Notícias*. Fez parte da primeira direção da *Associação Portuguesa de Escritores* embora sua atividade como escritor, havia começado muito antes, em 1947, com o livro **Terra do Pecado**. Título de fato imposto pela editora – por não considerar comercialmente apelativo seu nome original: **A viúva**. Romance que trata de uma jovem mulher recentemente viúva, em um ambiente rural, que sofre de impulsos de ordem instintiva e fisiológica. O romance em questão não foi durante décadas citado na lista de publicações do autor (a seu pedido, uma vez que esta obra de sua juventude não se aproxima em fator nenhum à sua produção posterior), pois só em 1966 retomou a publicação das suas obras, com o volume de poesia os **Poemas Possíveis**. Dessa data, então, passou a afirmar-se como um dos mais significativos autores portugueses, e, sem dúvida um dos mais conhecidos (FERRAZ, 2003, p.10).

A primeira fase da sua carreira foi marcada, sobretudo, pela poesia (**Provavelmente Alegria**, 1970 e **O Ano de 1993**, 1975) e pela crônica, gênero que começou por granjear-lhe notoriedade através dos jornais onde colaborou, (**Deste mundo e do outro**, 1971; **A bagagem do viajante**, 1973; **As opiniões que o DL teve** 1974, **Apontamentos**, 1976). Saramago dedicou-se ainda, a partir de finais dos anos 70, ao teatro, publicando **A Noite** (1979) - peça que tem como cenário uma redação de jornal na noite de 24 para 25 de abril de 1974 e que recebeu o prêmio da associação de críticos portugueses -; **Que farei com este livro?** (1980); **A Segunda vida de São Francisco de Assis** (1987) e **In Nomine Dei** (1993). No entanto, foi sobretudo como romancista que seu nome se tornou consagrado, tendo publicado, em 1977 **Manual de Caligrafia e Pintura**, **Levantando do Chão** (1980 - Prêmio Internacional Ennio Flaiano) constituiu um importante marco na sua carreira (BIBLIOTECA, 2010).

Vale dizer que muitas das crônicas do escritor português delimitam temas e ideias que são, posteriormente, desenvolvidas em suas outras obras, inclusive nos romances. De fato, o próprio Saramago assume em entrevista por Carlos Reis que,

3 A Capital foi um jornal vespertino que se publicou em Lisboa entre 21 de fevereiro de 1968 a 30 de julho de 2005.

4 O *Jornal do Fundão* é um jornal regional de Portugal, fundado na cidade do Fundão em 1946. O jornal atualmente é propriedade da *Global Media Group*.

para se compreender seu trabalho posterior aos anos 70, há a necessidade de se voltar às crônicas, pois:

[...] para entender aquele que eu sou, há que ir às crônicas. As crônicas dizem tudo [...] aquilo que eu sou como pessoa, como sensibilidade, como percepção das coisas, como entendimento do mundo: tudo isso está nas crônicas (REIS, 1998, p. 41-42).

Em uma palestra proferida em maio de 1998 em Turim, Itália, José Saramago, ao defender sua postura estético-literária afirmando não ser um romancista histórico, “comenta que, na trajetória de seus romances (exceto **Terra do pecado**), passou por duas fases: da *descrição da estátua* (de **Manual de pintura e caligrafia** até **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**) para a *descrição da pedra* (com **Ensaio sobre a cegueira** em diante)” (CONRADO, 2011, p. 121).

Dessa forma, podemos dizer que Saramago explica que a estátua seria o que há na superfície, no exterior da pedra: “é o resultado daquilo que foi retirado da pedra” (SARAMAGO, 1991, p.170). Assim, em seus romances publicados entre 1977 até 1991, o autor estaria desenvolvendo um trabalho analítico do que está no externo da vida humana e, por isso, há referências espaciais e temporais específicas, sem, contudo, deixar de relacionar essa exterioridade à reflexão sobre o ser humano (reflexão essa que o acompanha em toda sua produção artística).

Segundo o escritor português, após a publicação de **Ensaio sobre a cegueira**, ele percebeu que com **O evangelho segundo Jesus Cristo** havia terminado uma fase de sua escritura, e iniciado outra: a descrição profunda da complexidade da pedra, do que há no interior do ser. Essa divisão, portanto, caracteriza de modo contundente a produção de José Saramago, como se verifica na exposição cronológica de suas principais obras.

Umas das tendências mais marcantes da sua obra romanesca assinalável em **Memorial do convento** (1982), “o seu romance mais célebre a da reconstituição de períodos históricos a partir dos quais é construída uma narrativa fantástica, que estabelece a ligação entre dados verossímeis, concretos de ordem interior fundamentais da vida humana, na sua interrogação e contradição constantes” (CONRADO, 2011, p. 129). Para tal serve-se o autor de uma imaginação prodigiosa, aliada a uma grande força lírica e capacidade descritiva. Termos mais ou menos

constantes são os da verdade, da invenção do papel da arte na construção do conhecimento possível do mundo.

Com efeito, Saramago consegue criar uma cumplicidade profunda com o leitor, assumindo-se claramente, como narrador, no papel onisciente de dominador da matéria romanesca e no acompanhamento das personagens, com as quais (devido, entre outros fatores, ao seu estilo muito pessoal, com uma pontuação de que são ausentes as marcas introdutórias do discurso) a sua voz se confunde por vezes de forma inextricável, num tom desenganado e irônico que leva a moralização, ao aforismo, e a que está associada à preocupação com a construção positiva do homem e do futuro, a saber:

A um espírito voltaireano, irônico e irrespeitoso, se bem que nada original. (SARAMAGO, 1991, p. 98).

[...] e outro ainda em que, por causa duma autoestrada, ou duma escola, ou duma casa de morar, ou dum centro comercial, ou dum fortim de guerra, as escavadoras revolverão o terreno e farão sair à luz do dia, assim outra vez nascidos, os esqueletos que por dois mil anos ali jazeram. Virão então os antropólogos e um professor de anatomia examinará os restos, para mais tarde anunciar ao mundo escandalizado que, naquele tempo, os homens, afinal, eram crucificados com as pernas encolhidas [...] (SARAMAGO, 1991, p. 176)

[...] imaginar sentimentos modernos e complexos na cabeça de um aldeão palestino nascido tantos anos antes de Freud, Jung, Groddeck e Lacan terem vindo ao mundo [...] (SARAMAGO, 1991, p. 200).

[...] basta ver que o próprio Golias só não foi para jogador de futebol por ter nascido antes do tempo [...] (SARAMAGO, 1991, p. 225).

[...] e caiu velozmente como o machado das execuções ou a guilhotina que ainda falta inventar (SARAMAGO, 1991, p. 264).

Todos esses trechos confirmam que o narrador apesar de narrar fatos da vida de Jesus como se estivesse no presente, é uma voz que conhece o futuro e, portanto, podemos estender que a sua crítica também se volta para o tempo futuro, para a sociedade contemporânea. A voz narrativa não está localizada em um tempo definido, mas viaja no tempo e na narrativa com naturalidade, o que confirma seu total controle sobre o que narra. Um narrador que tem conhecimento do passado do presente e do futuro das personagens. “Quando faz críticas à atitude desses personagens também está criticando o tempo contemporâneo. Ele faz questão de avisar ao leitor que não é uma voz do tempo de Jesus, e que, portanto, conhece a sociedade e os costumes do presente do leitor” (LOURENÇO, 2015, p. 10).

Colocadas essas questões sobre as características da voz narrativa, voltemos às notas iniciais deste trabalho. Para além da obra referida acima, Saramago publicou **O Ano da Morte de Ricardo Reis** (1984), cujo romance recebeu vários prêmios: *Prêmio Dom Dinis*, da Fundação Casa de Mateus e o PEN Club Português, ambos de Portugal; “na Itália, o *Prêmio Grinzane-Cavour*. E, na Inglaterra, o prêmio do jornal *The Independent* de melhor romance traduzido em 1993” (LOPES, 2010, p. 108).

A obra conta a história da personagem Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, quando esta regressa a Portugal em 1936. Cria e revela um cotidiano comum da personagem, que é ainda assombrada pelo fantasma de Fernando Pessoa, vivendo um ano em que, no contexto sociopolítico de Portugal, tem-se o regime ditatorial salazarista e, no contexto histórico europeu, ocorre à difusão nazifascista, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial (CONRADO, 2011, p. 146).

Acrescenta-se que, conforme Bueno (1999), o escritor português realmente “desconstrói os períodos históricos retratados em sua obra” (DUARTE, 1988 *apud* BUENO, 1999, 45), pois o próprio Saramago declara, em uma entrevista, que, em seu trabalho, busca corrigir a própria história, quer dizer, usar a ficção como corretor da história [...]. A história que nos é ensinada dá-nos apenas um percurso, quando são possíveis mil outros. É essa a minha atitude em relação ao passado (DUARTE, 1988 *apud* BUENO, 1999, p. 62).

Desse modo, tem-se a reescrita como instrumento de incitação da instabilidade, da dúvida, que, para Saramago, seria “tão útil a um entendimento do nosso presente como a demonstração efetiva, provada e comprovada do que realmente aconteceu” (SARAMAGO, 1990 *apud* BUENO, 1999, p. 64).

Assim, um forte traço deste romance, juntamente com a presença da intertextualidade, da polifonia e da ironia, seria a dessacralização do discurso da história, e a reinvenção da história. Além disso, apresenta novamente o retrato dos indivíduos anônimos do povo português, fortalecendo a ideia de transformação, de mudança, de necessidade de se olhar para a terra, a pátria: “Ele procura no sofrimento das gentes anônimas, nas Lídias, que calcam o tédio da sua solidão, e na raiva dos seus homens, a força obscura da mudança, o que postula a relatividade de todos os discursos” (REBELO 1985, p. 147).

Em **O ano da morte de Ricardo Reis**, Saramago desmistifica a imagem de pessoas e personagens reconhecidas historicamente, como Ricardo Reis, Fernando Pessoa e Camões. Para Bueno (1999), ele o faz com o intuito de torná-los mais humanos, desenvolver uma reflexão sobre temas como morte, medo, melancolia, amor, entre outros, bem como tecer uma crítica à postura tradicional portuguesa da época, que muito vangloriava as pessoas e atitudes do passado, sem buscar melhorias e mudanças no presente: “Saramago anuncia que esse período áureo (do tempo das Cruzadas, do tempo de Camões) faz parte do passado, e que é para a terra que Portugal deve voltar-se” (BUENO, 1999, p. 71).

Dessa forma, podemos afirmar que Roani (2001) reforça esta ideia de transformação presente no romance saramaguiano, que esta seria uma das principais questões trazidas pela obra: “a busca de uma nova identidade para um país preso a mitos e a sonhos grandiosos, que a literatura instituiu, ajudou a cristalizar e disseminou pelos séculos seguintes” (ROANI, 2001, p. 50).

2.2. O romance saramaguiano: o divino, o sagrado e o universal

Partindo para iniciar a discussão sobre **O evangelho Segundo Jesus Cristo**, nosso objeto de pesquisa, podemos afirmar que a narrativa extravasa os aspectos puramente literários, confrontando-os com a moral e a política, pois “o tratamento dado à figura de Jesus cristo (e a interpretação da religião cristã em geral) foi considerada por alguns setores, ofensivo, tendo o subsecretário da cultura numa atitude também controversa, excluído a obra da lista dos candidatos do prêmio europeu de literatura” (SANTOS, 2015, p. 9).

O evangelho Segundo Jesus Cristo é repleto de intertextualidade, o romance desmistifica outra ‘verdade histórica’, desta vez, um conhecimento de cunho religioso; ao recriar a história sagrada, mantendo alguns episódios e acrescentando outros, porém, Saramago a torna humanizada:

[...] Maria olha o seu primogênito, que por ali anda gatinhando como fazem todos os crios humanos na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão,

e não vê mais do que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas [...] (SARAMAGO, 1991', p.65).

A adolescência de Jesus nos evangelhos sinóticos é relatada de maneira a nos envolver numa áurea espiritual que continuará em todo o relato da sua trajetória desde a sua infância até a crucificação. Uma dessas passagens relata a ida da família para a festa da páscoa, no momento em que Jesus completa doze anos. Quando os seus pais retornam, ele continua entre os doutores, o que os faz retornar para buscá-lo. No instante em que foi interrogado pela mãe, sobre o motivo pelo qual, agira daquela forma, ele responde: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?” (BÍBLIA, 2016, p. 2016, 1932).

Já no evangelho saramaguiano, esta fase é marcada pela sua saída de casa, após tomar conhecimento da omissão do seu pai no caso da matança dos inocentes. Depois disso, ele resolve ir ao Templo, a procura de respostas para suas dúvidas, e resolve percorrer o itinerário, feito pelos seus pais antes da sua origem. Assim o narrador descreve a sua atitude:

[...] Este rapaz que vai a Jerusalém [...] talvez não seja exactamente uma águia de perspicácia, um portento de inteligência, mas é merecedor do nosso respeito, tem como ele próprio declarou uma ferida na alma [...] foi à procura do mundo, quem sabe para multiplicar as feridas e fazer, com todas elas juntas uma única e definitiva dor [...] (SARAMAGO, 1991, p. 200).

A narrativa inicia-se com o relato das condições do nascimento de Jesus Cristo, apresentando várias modificações e reinterpretações de fatos bíblicos. O narrador acompanha a adolescência do personagem principal, demonstrando suas revoltas e seus questionamentos para com os desígnios divinos. A personagem protagonista, sendo educada por um pastor que parece ser o próprio Diabo, acaba desenvolvendo críticas a injustiças e mortes de pessoas inocentes, em nome da religião. Há críticas ao poder autoritário e ao fanatismo, com a presença de ironia, bem como de inversões de termos e sentenças já conhecidas (pelo senso comum) do texto bíblico, apresentando-se novos sentidos, novas interpretações para expressões e episódios contidos nas Escrituras Sagradas (SANTOS, 2015, p. 10).

O nascimento de Jesus no texto bíblico é relatado de forma a ressaltar o seu caráter profético, a simbologia representada pelos presentes oferecidos pelos magos serve para enfatizar esta ideia. No trecho a seguir, por exemplo, observamos como o “nascimento” de Jesus é rebaixado à condição terrena, e, na qual, a ênfase recai sobre a valorização do “baixo” - ligado ao sentido “cósmico” e “corporal”, típico do realismo grotesco:

[...] lembremo-nos de que tudo isso é sujo e impuro desde a fecundação ao nascimento, aquele terrífico sexo da mulher, vórtice e abismo, sede de todos os males do mundo, o interior labiríntico, o sangue e as humidades, os corrimentos, o rebentar das águas, as repugnantes secundinas, meu Deus, por que quiseste que os teus filhos dilectos, os homens nascessem da imundície [...] (SARAMAGO, 1991, p. 82).

Dessa forma, podemos dizer que Saramago faz uma aproximação das questões do sagrado-cristão com o homem, promovendo uma concepção comum de sentimentos entre as personagens. Como diz Moiana (2006, p. 83), “o prover Jesus de uma concepção comum, de uma gama de sentimentos, inerentes ao homem, Saramago o faz apaixonadamente humano”, ou seja, há uma relevância em promover o enredo e Jesus é representado como o “advogado da humanidade, é seu defensor, identifica-se com o homem, ou melhor, é o homem, enfrenta Deus, tenta enganá-lo em prol da humanidade” (MOIANA, 2006, p. 83).

3. A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO

3.1. O sagrado e o profano na literatura

Nas palavras de Souza (2018), o termo Literatura vem do latim *littera*, que significa letra. O termo possui diversos significados, e achamos por bem precisar o sentido adotado neste trabalho. Nele, a Literatura é compreendida como a arte de criar textos, compor ou estudar escritos artísticos. Textos ou escritos literários, são caracterizados pela beleza das palavras empregadas. Muitas vezes, por meio de sua obra, o autor pretende emocionar o leitor, transmitindo, artisticamente, a experiência vivida, a sabedoria adquirida, os sonhos e desejos utópicos.

Como efeito, podemos dizer que a literatura é um veículo de transmissão da experiência de vida de povos diversos, suas crenças e costumes, ou seja, de sua cultura, incluindo valores e habilidades. Permite a comunicação de pessoas de épocas diversas, facilita o intercâmbio cultural e faz uso de diferentes linguagens, entre as quais, destacamos a metafórica.

Antes de tudo, é prudente estabelecer a diferença entre os termos Sagrado e profano, especialmente porque este último é compreendido, pelo senso comum, de maneira pejorativa. Por vezes, o termo é tomado como oposto ou contrário ao Sagrado e, portanto, distante do divino, do misterioso. No entanto, o profano deve ser entendido como aquilo que não é Sagrado. Mas o que é o Sagrado?

Essa experiência do temor e do fascínio em torno do sagrado traz um mistério humana para nossa própria existência, que pode ser percebida, por exemplo, na história bíblica de Moisés, um relato presente na literatura sagrada:

Moisés era pastor das ovelhas de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Levou um dia as ovelhas deserto adentro e chegou ao monte de Deus, o Horeb. Apareceu-lhe o anjo do Senhor numa chama de fogo no meio de uma sarça. Moisés notou que a sarça ardia, mas não se consumia, e pensou: “Vou aproximar-me para ver este maravilhoso fenômeno: como é que a sarça não para de queimar”. O Senhor viu que Moisés se aproximava para observar e Deus o chamou do meio da sarça: “Moisés! Moisés!” Ele respondeu: “Aqui estou!” Deus lhe disse: “Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, pois o lugar onde estás é chão

sagrado”. E acrescentou: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”. Moisés cobriu o rosto, pois temia olhar para Deus (BÍBLIA SAGRADA, 2016, Ex 3,1-6).

Segundo o discurso do sagrado, na Bíblia, Moisés ficou fascinado pela experiência misteriosa da sarça que queimava e não era consumida pelo fogo, pois como afirma Eliade (1992, p. 86), “ao mesmo tempo em que estava fascinado, experimentou o medo: cobriu o rosto, por temer olhar para Deus [...]”, ou seja, o Sagrado é um marco transcendental, que se forma a partir do misterioso, do fascinante, “[...] que prima pela irracionalidade e, ao mesmo tempo, pela racionalidade”. Irracionalidade não significa algo contrário à razão, mas algo superracional (acima da razão), que não pode ser compreendido, justamente por ser mistério. Por sua vez, a racionalidade é o que pode ser reduzido a categorias racionais: bondade, sabedoria e poder.

Dessa forma, podemos dizer que o sagrado, na concepção de Eliade (1978), é o que se opõe ao profano, este compreendido como o corriqueiro, sem significação especial, enquanto aquele (sagrado) é o incomum, o especial, o que possui significação especial. Segundo Eliade (1978, p. 33), o homem “toma conhecimento do sagrado, porque este se manifesta, mostra-se como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano”. O sagrado estaria, assim, intimamente, ligado ao “conceito de hierofania”, ou seja, “algo sagrado se nos mostra”. Assim, o sagrado é experiência de algo que se manifesta e que ao mesmo tempo se oculta no mundo sensível.

Na verdade, podemos dizer que o Sagrado, nessa perspectiva, é um fenômeno que se revela e se manifesta na experiência cotidiana, o que deveria contribuir para compreender e aceitar as diferentes manifestações religiosas, frutos de variados contextos históricos, sociais e culturais. Se o sagrado é revelado na experiência e ela pode variar de cultura para cultura, de época para época, a concepção do divino vai depender da experiência vivida por cada indivíduo. Não obstante a pluralidade de experiências, em todas existem pontos em comum, como a compreensão do sagrado como transcendente (ELIADE, 1992).

É importante lembrar que, muitas vezes, o que é considerado como sagrado por um grupo ou sociedade, poderá ser considerado profano por outro e vice-versa, o que dificulta o diálogo e o respeito entre os diferentes grupos religiosos. Por sua vez Elíade

(1992) acredita que para se falar de sagrado é necessário admitir a existência real de Deus, em suas palavras:

[...] é que, só quando admitimos que Deus é o Sagrado ontológico, e que as coisas são sagradas em sua relação com Deus, podemos evitar a ambiguidade de um discurso sobre o Sagrado. Aqui, vemos como, em assunto religioso, todo discursos soa falso quando, por um falso escrúpulo metodológico, omitimos ou ignoramos o problema nuclear, a existência de Deus (ELÍADE, 1992, p. 39).

Não importa se a pessoa concebe o Sagrado como mistério tremendo, experiência hierofânica, ou crença em divindade real. Em todas se notará uma dicotomia entre o mundo Sagrado e o mundo profano. É nesse contexto que a literatura se torna lugar comum entre o mundano (profano) e o divino (sagrado), ora como inimigas mortais, ora como elementos que se complementam. Nas raízes gregas podemos detectar a relação íntima entre o Sagrado e o Profano, nos relatos míticos, que segundo Eliade (1992), narram histórias sagradas e acontecimentos, ocorridos no tempo primordial. Ora, sabemos que os mitos narram à origem de alguma coisa, Sagrada ou Profana, são teogonia e também cosmogonia. Na perspectiva mitológica, acredita-se que tudo que existe tem origem em forças misteriosas, místicas, sobrenaturais. O sagrado e o profano se misturam. A história dos homens, por vezes, é associada às forças divinas, a condição humana é preestabelecida por tais forças. As coisas da natureza, mortalidade, sexualidade, o modo do homem viver, depende das forças sobrenaturais e, portanto, estão vinculadas ao Sagrado.

Segundo Eliade (1978), a interpretação do sagrado está, intimamente, ligada às estruturas culturais em que se vive e esse fenômeno é retratado na literatura sacra. Isso pode ser comprovado na investigação da literatura sagrada das grandes religiões: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo, Budismo e outras. As Grandes Religiões fazem uso da literatura para transmitir seus preceitos e ensinamentos, crenças e história. Temos os livros sagrados e suas respectivas religiões. A *Tora* ou Pentateuco é um conjunto de livros considerado sagrado pelo povo judeu. Acredita-se que os textos que o compõem foram revelados por Deus. Esses livros sagrados são: *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*.

A Bíblia é o livro sagrado dos cristãos. É dividido em duas partes, Antigo e Novo Testamento. O Antigo narra tradições judaicas, leis, origens, a vida dos profetas e o anúncio da vinda do Messias. O Novo, o nascimento, vida, morte e ressurreição desse Messias, e a atividade de seus seguidores após sua morte.

O *Alcorão* ou *Corão* é o livro sagrado dos muçulmanos. Acredita-se que o profeta Maomé tenha recebido esse livro do anjo Gabriel. Nele, destacam-se a onipotência de Deus e os principais preceitos que o crente deverá observar: bondade, generosidade e justiça.

Vedas são os livros sagrados do Hinduísmo. Acredita-se que tenham sido revelados pelos Rishis. Estão divididos em quatro partes, cada uma dividida em outras quatro. O *Tripitaka* ou *Tipitaka* constitui uma compilação dos ensinamentos budistas tradicionais, guardados na língua pali. O mesmo é dividido em três partes, como se fossem três cestos: o Sutta que contém os ensinamentos convencionais, o Vinaya que é um código de disciplina e Abhidhamma, que aborda a psicologia moral. Não é um livro revelado por uma divindade. Na história da humanidade, o sagrado e o profano correspondem a duas maneiras do homem ser no mundo “duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE, 1992, p. 34). Por vezes, o profano se converte em sagrado, e o sagrado é tratado como profano.

Diante disso, Saramago instaura o seu lugar nesse diálogo, utilizando o espaço do romance ficcional. O autor põe em cena um discurso desestabilizante, sobre temas caros ao cristianismo: crucificação, salvação, criação, Deus como o supremo bem, e a possibilidade da existência de milagres. Em Saramago, a Literatura se mostra como uma interlocutora, que questiona o discurso da verdade, estabelecido pela Teologia. Mobilização que pretende estabelecer um diálogo produtivo entre Literatura e Teologia: os discursos (re)avaliam os processos constitutivos de sentido para a vida humana (SILVA, 1996, p.49).

Para Silva (1996), ao se aproximar dos temas religiosos, Saramago introduz em seu discurso uma série de elementos advindos da história do cristianismo. Discute a realidade de Deus na história do cristianismo, em desdobramentos que envolvem vários personagens, que a ele estejam ligados. As principais fontes intertextuais de que se serve ou a que recorre são a Bíblia e fatos históricos ligados à igreja cristã. Temas ou

fatos relacionados à religião são demasiadamente recorrentes, quer nos romances, contos ou textos teatrais. A criação, os milagres, as cruzadas e a inquisição, são exemplos de alguns mais frequentes. Espinho permanente que sempre volta a incomodar, sob o signo da problematização, ele aborda questões religiosas.

3.2. O mundo dicotômico de Saramago

De acordo com Silva (1996), no Evangelho segundo Jesus Cristo é estabelecida uma discussão sobre o mundo dicotômico, fundamentando a separação entre bem e mal, em que há um Deus atuante, representando o bem, e, igualmente, um diabo, representando o mal. A ironia é seu principal instrumento para minar essa separação. Através dela, como instrumento na paródia, desloca os modos de compreender bem e mal. Levanta, com seu discurso, a possibilidade de haver uma dependência e também contradições internas, nesses princípios que organizam a vida humana.

Saramago, ao se voltar sobre questões ligadas à religião, visa recuperar e expor as origens do cristianismo sob sua visão particular. Estabelece uma reflexão sobre os elementos presentes na origem do cristianismo. Pensamentos, fantasias, perguntas, respostas orientam os caminhos trilhados pelos seguidores de Jesus. “Há, na sua visão, princípios e valores próprios do início da era cristã, que envolvia aquela comunidade” (CONRADO, 2011, p. 5).

Duarte, Malard & Miranda (1988), ao percorrer os textos de Saramago, mostram sua manifestação e constante interesse por temas ligados à religião, que se manifestam também em peças teatrais escritas, envolvendo personagens e eventos, historicamente conhecidos. Um desses textos é *A segunda vida de Francisco de Assis*, na qual o santo volta à sua terra e encontra a sua ordem original transformada em empresa voltada ao lucro, organizada e controlada por sua família.

Saramago, através de um de seus seres de papel, narradores instituídos para contar e recontar histórias à revelia do que foi passado, constrói uma história, envolvendo Francisco de Assis, na qual ele termina arrependido de haver conduzido tantos à pobreza. O autor investe no mundo às avessas, provoca revertérios, e o

personagem Francisco, ao encontrar sua ordem mendicante toda envolvida com lucros, revolta-se contra as condições com as quais se depara (CONRADO, 2011, p. 8).

Podemos dizer que a originalidade do autor, aí, caracteriza-se pelas marcas da transgressão ao discurso, que, oscilando entre sagrado e profano, cria um jogo para explorar os dividendos ideológicos da religião cristã. O ponto de partida para romancear a vida de Jesus é a utilização de intertextos na construção da paródia dos evangelhos canônicos. O romance remexeu com os valores que orientaram a formação da história, tangenciando a conduta dos envolvidos e aos papéis socioculturais que poderiam ter exercido como seres humanos.

Saramago constata que, em nossa sociedade ocidental, principalmente sendo originário de um país onde a fé cristã, em especial a Católica, tem grande influência, o “fator Deus, entendido como fato cultural moldador das consciências e comunidades” (AGUILERA, 2010, p. 108). Dessa forma, dedica-se, então, a questionar esse forte traço cultural arraigado no ser humano, quando diz que o autor:

Repudiava o fundamentalismo e a intolerância, a vontade de impor os dogmas próprios como códigos de conduta geral, assim como a intromissão que a Igreja pratica na vida civil e até política, agindo como um autêntico poder terreno. Contrapondo-se às concepções ontológicas de Deus, sustentava que o fenômeno divino é produto da imaginação - tudo está no cérebro, asseverava -, enquanto atribuía à nossa natureza mortal a fruição com que foi construída a necessidade de transcendência (AGUILERA, 2010, p. 117).

O filho de Deus, figura principal do Cristianismo, é apresentado na Bíblia, nos Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João. Tradicionalmente, tido como nascido de uma virgem, Jesus vem a Terra como Messias, para salvação da humanidade.

Na verdade, Jesus é retratado na Bíblia em passagens ocorridas na sua infância e vida adulta, restando oculta grande parte de sua história. Aos doze anos, vemos a primeira manifestação, por parte da criança, a respeito de sua missão divina na Terra. Ao perderem seu filho em Jerusalém, Maria e José o encontram, três dias depois, no templo, junto aos doutores, causando admiração aos que o ouviam:

Quando eles o viram, ficaram admirados. E sua mãe disse-lhe: Meu filho, que nos fizeste?! Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição. Respondeu-lhes ele: Por que me procuráveis? Não

sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai? (BÍBLIA SAGRADA, 2016, LUCAS, 2: 48-49).

Já adulto Jesus é batizado por João, e a revelação da glória de Deus é feita. Jesus, então, começa seu ministério.

Quando todo o povo ia sendo batizado, também Jesus o foi. E estando ele a orar, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e veio do céu uma voz: Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição. Quando Jesus começou o seu ministério, tinha cerca de trinta anos, e era tido por filho de José (BÍBLIA SAGRADA, 2016, LUCAS 3: 21-23).

Jesus assume sua missão, passando por provações, como os quarenta dias no deserto. “Cheio do Espírito Santo, voltou Jesus do Jordão, e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde foi tentado pelo demônio durante quarenta dias” (LUCAS 4:1-2). Ele passa a pregar a palavra de Deus. “É necessário que eu anuncie a boa nova do Reino de Deus também às outras cidades, pois essa é a minha missão” (LUCAS 4:43). Foi crucificado para a remissão dos pecados da humanidade, ressuscitou e foi levado ao céu. “Depois que o Senhor Jesus lhes falou, foi levado ao céu e está sentado à direita de Deus” (MARCOS 16:19) (DIAS, 2014, p. 18)

Para Dias (2014), em **O evangelho segundo Jesus Cristo**, Jesus é diferente do divino filho de Deus, presente no Livro Sagrado. A versão profana do Salvador não atua como Messias desde a sua infância. Nascido de um lar comum e através da relação sexual de Maria e José, que será apresentada mais à frente neste trabalho. A convivência com o personagem Pastor é a primeira situação que começa a afastar Jesus do sagrado e aproximá-lo do profano. Jesus se torna pastor de ovelhas, assim como é considerado pastor de homens na tradição cristã. Ele descobre que Pastor é um anjo, mas não um anjo do Senhor por não o bendizer e cantar as glórias de Deus, mas tem um comportamento que o impressiona, vez que não está acostumado à liberdade de atitudes e postura do colega de trabalho e moradia:

O que primeiro Jesus estranhou de todo foi que, saídos da caverna para a madrugada, não tivesse Pastor procedido como ele procedera, bendizendo a Deus por aquelas coisas que sabemos, [...] Passou-se o dia e nada de bênçãos, veio à noite, dormida ao relento, num descampado, e nem a majestade do céu de Deus foi capaz de acordar

na alma e na boca de Pastor uma só palavrinha de louvor e gratidão (SARAMAGO, 1991, p 191).

Jesus, guardando em si a cultura de adoração ao Senhor, não aceitando a atitude de Pastor, decide ir embora. Jesus o avisa de sua partida: “Parto porque não devo viver ao lado duma pessoa que não cumpre suas obrigações para com o Senhor, [...] Não sou judeu, não tenho de cumprir obrigações que não são minhas” (SARAMAGO, 1991, p. 192). Escandalizado, Jesus proclama que só o Senhor é Deus, provocando raiva em Pastor, “Deus não dorme, e um dia te punirá [...] Ainda bem que não dorme dessa maneira evita os pesadelos do remorso. Não tenho deus, sou como uma das minhas ovelhas” (SARAMAGO, 1991, p. 192). “Jesus, mesmo ameaçando a partida, decide permanecer, ao ouvir de Pastor sobre sua história e os pesadelos herdados de José” (DIAS, 2014, p. 20). Ao ser obrigado a sacrificar um cordeiro a Deus, Jesus questiona as leis do Senhor, “Jesus apertou o cordeiro contra o peito. Não compreende por que não aceita Deus, que no seu altar se derrame uma concha de leite, [...] ou nele se espalhe, com um gesto semeador, um punhado de trigo” (SARAMAGO, 1991, p, 207).

É notada a primeira diferença entre o Jesus bíblico e o Jesus do novo Evangelho. Este começa a indagar as vontades do Criador, comportamento não aceitável para o Messias. Jesus não sacrifica seu cordeiro no ritual de oferta, mas vem a sacrificá-lo na presença de Deus no deserto, quando faz um acordo com o Senhor: sua vida em troca de poder e glória. Percebe-se que Jesus se mostra reticente quanto a aceitar, cegamente, a oferta do Senhor. Questiona que tipo de poder receberá, e chora ao ter que matar seu animal.

Quando Jesus chegou ao campo, Pastor olhou-o fixamente e perguntou, A ovelha, e ele respondeu, Encontrei Deus, Não te perguntei se encontraste Deus, perguntei-te se achasse a ovelha, Sacrifiquei-a, Por que, Deus estava lá, teve de ser. Com a ponta do cajado, Pastor fez um risco no chão, fundo como rego de arado, intransponível como uma vala de fogo, depois disse, Não aprendeste nada, vai (SARAMAGO, 1991, p. 220).

Expulso por Pastor, Jesus peregrina de volta à sua casa. No caminho, ao passar pelo rio Jordão, ouve o canto de uma mulher, “nua, deitada de costas sobre a água, os

peitos duros levantados fora dela, o púbis negro soerguendo-se na ondulação” (SARAMAGO, 1991, p. 223). O apelo sexual se apresenta como um desafio aos seus valores, pois se mantinha casto, como visto em sua convivência com Pastor. “O corpo de Jesus deu um sinal, inchou no que tinha entre as pernas, como acontece a todos os homens e a todos os animais” (SARAMAGO, 1991, p. 224). Dias (2014) aponta para essa escolha de vocabulário por parte do autor para descrever a reação de Jesus, a qual reforça a ideia, tanto da sexualidade, como característica intrínseca do humano e também do instinto mais selvagem e primitivo, que ainda pertence ao comportamento do homem. O filho de Deus, agora, começa a ser despido de sua castidade imaculada e se comporta como profano.

Segundo Dias (2014), há **no evangelho segundo Jesus cristo** três passagens, que evocam o lado humano e falho de Jesus. A primeira trata da expulsão da legião de demônios por Jesus Cristo. Assim como na Bíblia, Jesus expulsa os demônios do homem, para que possuíssem uma vara de porcos, e tem que deixar o local a pedido da população. À sugestão dos espíritos imundos: “Manda-nos para os porcos e entraremos neles”, Jesus pensou ser essa uma boa solução, considerando que aqueles animais deviam ser pertença de gentios, vez que a carne do porco é impura para judeus. A ideia de que, comendo os porcos, poderiam os gentios ingerir também os demônios dentro deles e ficar possessos, não lhe ocorreu [...]. Os espíritos impuros, excitadíssimos, esperavam a resposta de Jesus, faziam apostas, e quando ela veio, positiva, deram, em uníssono, um grito descarado de alegria, e, violentamente, entraram nos animais. Fosse pelo inesperado do choque, fosse por não estarem habituados a andar com demônios dentro, o resultado foi enlouquecerem todos num repente, e se lançarem precipício abaixo, os dois mil que eram, indo cair ao mar, onde morreram afogados [...]. Os porqueiros, furiosos, atiravam, de longe, pedras, a Jesus e a quem estava com ele (SARAMAGO, 1991, p. 296-297).

Na opinião de Dias (2014), Saramago transforma essa passagem em um acontecimento cômico, criticando o bom senso e a ingenuidade do filho de Deus, expulso, a pedradas, pelos habitantes do local. O Jesus benevolente, que veio ao mundo para salvar a humanidade, não se preocupa com os gentios, que podem vir a ser possuídos por maus espíritos, também não considera o prejuízo e o transtorno que

possa causar aos gentios, cujos porcos foram escolhidos por não serem propriedades de judeus. Inquieto, Jesus solta uma gargalhada e grita para o céu:

Escuta-me, ó Senhor, ou tu escolheste mal o filho que disseram que eu sou e há-de cumprir os teus desígnios, ou entra os teus mil poderes falta o duma inteligência capaz de vencer a do diabo, Que queres dizer, perguntou João, aterrado pelo atrevimento da interpelação, Quero dizer que os demônios que moravam no possesso estão agora livres (SARAMAGO, 1991, p. 297).

A ingenuidade do salvador, ao aceitar a proposta dos demônios sem pensar nas consequências, é sinalizada por Saramago, despindo o filho de Deus de sua sabedoria e poder sobre o mal. O próprio Jesus questiona a sabedoria de seu pai e a sua própria capacidade de vencer o diabo. A segunda passagem foi quando Jesus, num momento de raiva (característica profana e instintiva) condena uma figueira a não dar frutos, por estar com fome e não encontrar, nela, figos, já que não era tempo de figos. Disse então,

Nunca mais nascerá fruto de ti, e naquele mesmo instante secou a figueira. Disse Maria de Magdala, que com ele estava, Darás a quem precisar, não pedirás a quem não tiver. Arrependido, Jesus ordenou à figueira que ressuscitasse, mas ela estava morta. (SARAMAGO, 1991, p. 302).

A sabedoria de Jesus é questionada em dois pontos: o primeiro, por querer os frutos da árvore e condená-la, mesmo não sendo estação própria. O segundo, quando Maria se mostra mais benevolente e sábia que seu companheiro. A terceira passagem a evocar o lado falho e humano de Jesus, também mostrando Maria como mais sábia e sensata, se dá quando, assim como na Bíblia, vai ressuscitar Lázaro, irmão de Magdala, na versão de Saramago. Jesus é impedido de realizar o milagre por sua companheira. Saramago declara:

[Em O Evangelho segundo Jesus Cristo], quando Jesus vai ressuscitar Lázaro, Maria de Magdala o segura, dizendo: “Ninguém pecou tanto que mereça morrer duas vezes”. Só uma mulher é capaz de compreender que não tem sentido ressuscitar se tens de morrer de novo. (SARAMAGO apud AGUILERA, 2010, p. 266-267).

Ainda de acordo com Dias (2014), nesta passagem o autor declara a superioridade de Maria de Magdala, quanto à tomada de decisões, influenciando seu

companheiro. Jesus é mostrado não só como humano, mas sua sabedoria é reforçada como inferior a sua companheira, questionando a superioridade do divino em relação ao profano. Após passar quarenta dias em um barco no meio da neblina, diferentemente da Bíblia, onde Jesus se exila no deserto, conversando com Deus e o Diabo (o defensor da humanidade), que aparecem como quase idênticos na aparência, Jesus decide assumir seu destino e planeja com seus discípulos como se entregar a Pôncio Pilatos, reforçando que era um homem comum a ser condenado:

Um simples homem, sim, mas um homem que se tivesse proclamado a si mesmo rei dos Judeus, que andasse a levantar o povo para derrubar Herodes do trono e expulsar da terra os romanos, isto é o que vos peço que corra um de vós ao Templo a dizer que eu sou esse homem, e talvez que, se a justiça for rápida, não tenha a de Deus tempo de emendar a dos homens, como não emendou a mão do carrasco que ia degolar João (SARAMAGO, 1991, p. 367).

Judas é o único a se voluntariar para o trabalho de delator, sendo abençoado por Jesus, por ser o responsável pelo cumprimento da vontade de Deus. Jesus, o Rei dos Judeus e salvador da humanidade, é condenado como homem comum. Saramago o mostra durante sua trajetória, na narrativa, como homem perturbado por pesadelos, e que não se encaixava na sociedade em que foi criado, tornando-se aprendiz do Pastor e da prostituta, que se torna responsável por grande parte de suas decisões e é vista pelo filho de Deus como protetora e acolhedora para seu sofrimento, quando ninguém mais acreditara em suas palavras. Profano e imperfeito, Jesus morre condenando Deus, pedindo perdão aos homens: “[...] subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra clamou para o céu aberto onde Deus sorria Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez” (SARAMAGO, 1991, p. 374).

N’O evangelho segundo Jesus Cristo, o profano pode ser percebido quando temos um evangelho escrito em nome dos homens e não mais em nome de Deus. “Saramago se posicionará ao lado dos párias da História Sagrada - Madalena e o Diabo - e dos milhares de criaturas que pagaram com seu sangue a implantação e consolidação da religião cristã” (DIAS, 2014, p.39).

O romance saramaguiano é de homens para homens, e em sua crítica corrosiva ataca a religião cristã, o despotismo tirânico de Deus, das religiões, os poderes de dominação em geral, e tenta resgatar a dimensão humana do homem. Cabe lembrar que "a paródia possui um caráter positivo, pois mata para fazer brotar novamente a criação. Recusa e esvazia o modelo original para recriar e preencher um modelo que lhe é próprio" (ARAGÃO, 1980, p. 20).

Após essas considerações, verificamos que, se o objetivo central dos Evangelhos bíblicos era proclamar e reforçar a fé em Jesus Cristo como Filho de Deus, Senhor, Redentor, Salvador e Messias, o objetivo do evangelho segundo Jesus Cristo é revelar a dimensão humana de Cristo, o filho de José, o qual, como ser humano, tem suas fraquezas, dúvidas e ansiedades, perante um destino inexorável, praticamente forçado a fundar uma religião que já principia com o cheiro de morte e de sangue. Nota-se que a trama começa e termina com a crucifixão. Deus é demonizado e o Diabo (Pastor) transforma-se no salvador da humanidade e do próprio Cristo. Se o autor enfatiza a humanidade de Cristo, cabe lembrar que na Bíblia o título mais frequente usado para Jesus é filho do homem.

Assim, dessa forma, podemos afirmar que a face de Deus aqui é de um Deus dominador, cruel, patriarcal, machista, capaz de planos maquiavélicos, impiedoso e perverso, que não se importa com seres humanos. Pelo contrário, utiliza-os para realização de seus propósitos malignos, irônico e sarcástico, egoísta e despótico. Um ditador que faz escolhas inexplicáveis, que se compraz em sacrifícios e tem um gosto especial pelo líquido chamado sangue, que faz do seu próprio filho uma cobaia, traçando-lhe um destino do qual não pôde fugir. Megalômano, que possui como heterônimo o próprio Diabo e mantém perigosas relações em ele. Na composição da última face de Deus, o autor elabora o que podemos chamar de heresia saramaguiana, que consiste na demonização de Deus, transformando-o no grande vilão do seu evangelho profano.

4. A PERSONAGEM JESUS EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO

4.1. A personagem: Jesus humanizado

Jesus, o escolhido filho de Deus, por aparecer na obra saramaguiana com figura humanizada, vive as mesmas sensações e confusões que os simples mortais. Saramago, além de fazer uma releitura da história contada pela Bíblia, sobre nascimento, vida e morte de Jesus Cristo, traz nova visão dessa história, de modo a preencher algumas lacunas, questionando as contradições existentes nos textos bíblicos, por meio de detalhes do cotidiano das pessoas. O autor não nega, assim, a história bíblica, mas desloca a imagem divina de Jesus para confrontá-lo com uma personagem mais humana.

Para Góes (2010), em toda a narrativa, fica explícito que, desde a concepção de Jesus (já que, na versão saramaguiana, mesmo conservando a natureza divina de Jesus, o ato sexual não foi abolido) até a sua morte, esse homem é um ser humano como qualquer outro:

Maria olha o seu primogénito, que por ali anda gatinhando como fazem todos os crios humanos na sua idade, olha-o e procura nele uma marca distintiva, um sinal, uma estrela na testa, um sexto dedo na mão, e não vê mais do que uma criança igual às outras, baba-se, suja-se e chora como elas, a única diferença é ser seu filho (SARAMAGO, 1991, p. 65).

Coelho e Santos (2011) abordam que Jesus foi criado dentro dos moldes das tradições judaico-cristãs, conhece e segue todos os princípios da sua religião. Desde criança frequenta a Sinagoga, estuda as lições referentes à sua alfabetização e demonstra enorme facilidade para aprendê-las. Posteriormente, mostra-se conhecedor dos textos sagrados como a Torá. Revela-se, assim, indivíduo ligado às questões religiosas, bem como subserviente aos seus preceitos cristãos:

Quando Jesus entrava em casa, o pai perguntava-lhe, Que foi que aprendeste hoje, e o menino, que tivera a sorte de nascer com uma excelente memória, repetia tintim por tintim, sem falhas, a lição do mestre, foram primeiro os nomes das letras do alfabeto, depois as palavras principais e, mais para diante, frases completas da Tora,

passagens inteiras, que José acompanhava com movimentos rítmicos da mão direita, ao mesmo tempo em que acenava lentamente a cabeça (SARAMAGO, 1991, p. 68).

O recorte acima comprova que a vida de Jesus representada no romance se detém a um relato obscuro da vida do menino, depois do doze anos, e não relatada pela Bíblia. Então, o narrador completa e preenche esse tempo, criando ações e acontecimentos que se mostram na aprendizagem entre o pai e o filho.

Para Coelho et al (2011) Saramago reforça a figura humanizada de Jesus, comparando-a aos demais jovens de sua idade, devido ao fato de não ter ajudado a velha escrava:

Foi-se embora Zelomi no seu vacilante andar de velha, passo a passo palpando a firmeza do chão com o cajado seguro a mãos ambas, ora, mais bonita acção teria sido a do rapaz se tivesse ajudado a pobre e sacrificada criatura a regressar a casa, mas a juventude é assim, egoísta, presunçosa, e Jesus, que ele saiba, não tem motivos para ser diferente dos da sua idade (SARAMAGO, 1991, p. 222).

Coelho et al (2011) afirma que é nessa caverna onde nascera que Jesus tem lembranças de seu nascimento, demonstrando carregar consigo a culpa de seu pai terreno.

Nasci aqui, pensava, dormi naquela manjedoura, nesta pedra em que me sento sentaram-se meu pai e minha mãe, aqui estivemos escondidos enquanto na aldeia os soldados de Herodes andavam a matar as crianças, por mais que faça não conseguirei ouvir o grito de vida que dei ao nascer, tampouco ouço os gritos de morte dos meninos e dos pais que os viam morrer [...]. (SARAMAGO, 1991, p. 223).

Góes (2010) diz que nesse local, Jesus permanece por algum tempo e chega até a adormecer e a sonhar. Em seu sonho, o seu espírito faz levantar o seu corpo para que ambos vão a Belém confessar para os pais a tremenda culpa que os atormenta: a morte de seus filhos. O despertar de Jesus desse sonho dá-se pela aparição da figura do Pastor – descrito como um homem bastante alto, quase que gigantesco. A partir

desse momento, Jesus e o Pastor conviverão por muito tempo, mesmo após a descoberta de Jesus de que esse pastor era o Diabo.

Ainda de acordo com Góes (2010), é o narrador de **O evangelho segundo Jesus Cristo** quem dá pistas ao leitor de que esse pastor não é propriamente um pastor de ovelhas, já que não tem ao menos um amo que o governe, para cobrar a lã, o leite ou o queijo. Tal narrador faz questão de ressaltar as ideias e convicções de Jesus e do Pastor sobre Deus e os dogmas de sua religião. Jesus revela-se um jovem aprendiz, afirmando que toda a sua aprendizagem cristã deve-se aos ensinamentos repassados pela sinagoga. Já o Pastor procura rebater as conclusões de Jesus, questionando não só o poder do Divino, mas também a religião em questão. De maneira bem irônica, o narrador revela que Jesus passará quatro anos ao lado do Pastor e, depois disso, encontrará Deus. No entanto, afirma que essa convivência não é de grande relevância para as intenções divinas:

Daqui a quatro anos Jesus encontrará Deus. Ao fazer esta inesperada revelação, quiçá prematura à luz das regras do bem narrar antes mencionadas, o que se pretende é tão-só bem dispor o leitor deste evangelho a deixar-se entreter com alguns vulgares episódios de vida pastoril, embora estes adianta-se desde já para que tenha desculpa quem for tentado a passar à frente, nada de substancial venham trazer ao principal da matéria (SARAMAGO, 1991, p. 228).

A citação acima nos revela que o narrador toma a revelação “Jesus encontrará Deus” como regras da narratividade. Nesse caso, a história, entrecortada, aparentemente desarticulada, reacende o vigor do romance, que confronta o leitor comum de um leitor do evangelho. Assim, o narrador de Saramago revela as interfaces da narrativa que se confronta, ao mesmo tempo, como o Autor, o Narrador e o Leitor, sob o signo da obra: o romance.

4.2. Entre o narrador e a personagem no romance

Para Lourenço (2015), o narrador saramaguiano é diferente, com características bem marcantes. Ele seduz o leitor, leva-o em suas reflexões, divagações e viagens pelo tempo, conta o que o leitor ainda não sabe e cobra o que já deveria saber. Referindo-se de um modo íntimo ao receptor, ele conduz a narrativa de tal forma, que o leitor percebe que ela, apesar de ser diferente da história dos textos canônicos, é tão interessante quanto. Além disso, o narrador é figura central para a investigação de qualquer obra:

O narrador em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a história (GANCHO, 1993, p. 9).

Segundo Silva (1996), o narrador saramaguiano não é neutro, nem é só uma personagem que vive a história contada. Ele mantém uma distância crítica em relação aos fatos narrados e usa, com competência, recursos para a ironia e ambiguidade. O narrador, na obra de Saramago, assume papel importante para o desenvolvimento da narrativa. É através das impressões, do seu olhar, comentários e maneiras de narrar, que nós, leitores investigadores, somos conduzidos pela história.

Outro aspecto levantado por Silva (1996) é que se trata de um narrador que tem conhecimento do passado do presente e do futuro das personagens. Quando faz críticas à atitude desses personagens, também está criticando o tempo contemporâneo. Ele faz questão de avisar ao leitor que não é uma voz do tempo de Jesus, e que, portanto, conhece a sociedade e os costumes do presente do leitor.

A respeito disso, Lourenço (2015) afirma que, em **O evangelho segundo Jesus Cristo**, temos um narrador que questiona o mundo e também a própria literatura. E, com as constantes ironias aos poderosos, há uma preferência pelos menos favorecidos, já que ridiculariza personagens que ocupam alguma posição de poder.

Esse narrador não esconde sua onisciência. Sabe tudo sobre Jesus, Maria, José, Deus e o Diabo e até mais do que eles. Sua onisciência é plena, e ele anuncia isso por várias vezes durante o texto, através da metalinguagem ou interpolações auto reflexivas: O narrador do romance é um narrador que poderia ser denominado, segundo algumas linhas teóricas, como: extradiegético, porque narra uma história da qual não participa, possuindo o que se chama focalização zero, e atuando como soberbo demiurgo, plenamente onisciente; seria dotado de uma “visão por trás” (LOURENÇO, 2015, p. 8, apud FERRAZ, 1996, p. 154).

Lourenço (2015) destaca que mesmo que as informações omitidas ao leitor sejam irrelevantes para o desenvolvimento da narrativa, essa estratégia, além de aproximar o narrador do leitor, pois envolve essas entidades em uma espécie de cumplicidade e é extremamente irônica, vez que se o narrador sabe, absolutamente, tudo sobre a narrativa, ele apenas opta por não contar alguns detalhes, criando um jogo no qual envolve seu leitor. Se levarmos isso em consideração, a citação a seguir torna-se extremamente significativa e um exemplo claro das estratégias do narrador: “mas que deviam ter sido um comentário ácido sobre aqueles que presumem saber de tudo” (SARAMAGO, 1991, p. 296). O narrador não faz apenas uma crítica a quem presume saber tudo, mas também a ele mesmo, uma vez que, desde o início da obra, se coloca como alguém que conhece todos os detalhes da narrativa:

Só um habitante doutro planeta, suponho que nele não houvesse repetido alguma vez, ou mesmo estreado este drama, só esse inimaginável ser ignoraria que a afligida mulher é a viúva de um carpinteiro chamado José (SARAMAGO, 1991, p. 9). [...] Afinal, uma história conhecida, mas ao narrador deste evangelho não parece que seja a mesma coisa, tanto no que toca ao passado como no que ao futuro há de tocar... (SARAMAGO, 1991, p.127).

Nós, pelo contrário, conhecemos tudo quanto até hoje foi feito, dito e pensado, quer por eles, quer pelos outros [...] (SARAMAGO, 1991, p. 206). “[...] nós, sim, que, como Deus, tudo sabemos [...]” (SARAMAGO, 1991, p.239).

A citação acima é mais uma revelação da onipresença do narrador saramaguiano. Assim como nos ajuda a perceber as estratégias usadas, para se aproximar do leitor, usando a primeira pessoa do plural (*nós*), por exemplo.

Dessa forma, as palavras de Lourenço (2015) reforçam a ideia de que a obra do escritor utiliza a paródia como instrumento de crítica, e a partir da qual se pode perceber a visão de mundo de quem escreve. O autor se posicionou como narrador penetrou no enredo, estabeleceu critérios e parâmetros próprios, e reteceu a trama original. Para Leite (2016) há, na obra, uma negação do narrador, e isso não é um fato isolado no posicionamento crítico de Saramago, o autor utiliza isso como estratégia discursiva. Baseado na ideia de que a negação é essencialmente revolucionária, ele contesta o automatismo do discurso burguês. Para tanto, ele recria no texto ficcional situações homólogas à da história, marcadas pela imprevisibilidade, já que os fatos, ficcionais ou não, não se explicam a si mesmos, mas são resultados de uma complexa correlação de forças postas em jogo no cenário social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entrar no universo literário de José Saramago foi, para nós, um desafio. Primeiro porque nos deparamos com um romance que cuida do sagrado-cristão e, ao mesmo, coloca-o em cheque. Segundo, não há trabalhos na UFAL-Campus do Sertão, no Curso de Letras, que ainda tenha se debruçado o escritor. Talvez aí esteja nossa ousadia e, muito distante, coragem.

Mas o que podemos dizer é que cremos que o desafio foi cumprido, pelos menos aqui na graduação. Saramago tem uma fortuna crítica recheada e isso não facilitou a pesquisa, mas muitas vezes a embaralhou. Muitos livros, artigos, ensaios, entrevistas, que, acreditamos, na graduação é material deveras largo para uma pesquisa inicial ou talvez próprio para um mestrado ou doutorado.

Dessa forma, nos encontramos aqui, metidos de coragem e vontade de escrever as considerações finais. Nosso caminho é ler Saramago. Reconhecê-lo como um escritor a frente do tempo e interessado em contar histórias, tomando a literatura como artifício principal para sua jornada.

Diante disso, podemos dizer que em **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** (1991), Saramago resgata e ressignifica a figura de Jesus Cristo, despindo-o da aura de perfeição que o relato bíblico lhe atribui. Na nossa pesquisa, observamos que no romance, Jesus não veio predestinado a morrer por amor à humanidade; nem veio a terra, sabendo, de antemão, as decisões que deveria tomar. Ele é colocado diante de Deus e do Pastor (um personagem fictício, que representa o diabo ou a fâcies oposta do divino) como um homem indeciso, quanto as suas escolhas, filosoficamente impreciso, e capaz de cometer erros/pecados como qualquer outro ser humano.

A releitura crítica da história bíblica, feita na obra, por Saramago, contribui para uma maior reflexão sobre o que nos é dado a saber, principalmente, quando o assunto envolve mitos ou tabus, pois somente com a postura analítica desengajada e imparcial, tornando-se possível a construção de um ser humano mais consciente, fazendo as

pessoas compreenderem que o discurso nunca é neutro, mas sempre forjado no contexto do mundo social, embalado por relações de poder, que se modificam ao sabor dos constantes acontecimentos e viradas históricas de vista sobre o mundo e tenta persuadi-lo da veracidade dos fatos narrados.

No **Evangelho segundo Jesus Cristo**, considerando o aspecto convencional e dogmático que a sociedade ocidental atribuiu a esses termos, temos o sagrado como o que é próprio de um plano imaterial ou adstrito a ele, ou ainda algo material. No livro em questão, Saramago quis exacerbar a figura humana de Jesus, por considerá-lo personagem singular na história de toda a humanidade. Porém, essa consideração era endereçada a um homem, não a um Deus ou ser especial vindo Dele. O autor sempre disse que se Jesus não fosse um simples mortal, sua história era tola, mas se tivesse envergado um corpo de carne, como qualquer um de nós, era merecedor de todo crédito possível. Justamente por esse motivo, ele transita, em cada abordagem factual da vida do homem, enfatizando o aspecto humano, mas sem esquecer toda a parafernália mística que criaram em torno dele.

Aliás, utilizando de fina ironia e lógica direta, o autor desconstrói certos episódios, tabus, diálogos, situações, com a finalidade de transformar, aos olhos do leitor contemporâneo, uma história fantástica e, sob determinados ângulos, inverossímil, em algo mais palatável, mais próximo da realidade de qualquer um de nós. Assim, ele busca mostrar um Jesus que poderíamos ver mais de perto, sentir suas dificuldades e torcer por seu sucesso.

Assim, o romance não é pura e simples do texto bíblico, vez que recorre a muitas mensagens ali contidas, e até confirma determinados trechos, mas, mesmo mostrando respeito por Jesus e várias outras personagens, busca as respostas mais cabíveis às lacunas dos preceitos religiosos, que se impõem aos fatos narrados, e apresenta uma versão da vida de Jesus, ao lado de outras que também se propuseram à realização dessa tarefa.

Por fim, podemos afirmar que o que torna singular essa trama é o aspecto brando da narrativa, que não se ocupa em desdizer, escandalizar, desvendar mistérios

ou apontar erros, agressivamente, mas transmitir a história com suavidade, delicadeza, mesmo quando arrebatada a aura de santidade e pureza casta dos personagens, e os faz agir como qualquer um de nós, ainda que preservados de virtudes e bondade.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA de Letras da Bahia. Disponível em: www.academiadeletrasdabahia.org.br. Acesso em: 19/04/2010.

AGUILERA, Fernando G. **As palavras de Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARAGÃO, Maria Lúcia P. de. A paródia em “A força do destino”. In: **Revista do tempo brasileiro**. Sobre a paródia. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA, n. 62, p. 18- 28, jul. a set. de 1980.

BÍBLIA Sagrada - Versão Católica. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/vc>. Acesso em: 09/12/2016.

BIBLIOTECA Virtual – **Literatura**. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/> Acesso em: 28/04/2010.

BUENO, Aparecida de Fátima. Três momentos do romance histórico de José Saramago. In: **Boletim do Centro de Estudos Portugueses** – CESP. Belo Horizonte: UFMG, Jan/Jun, 1999.

CONRADO, Iris Selene. **O romance e o romance de José Saramago**. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. 244 p. UNESP-Universidade Estadual Paulista - Assis, 2011.

COELHO, Ana Célia et al. Jesus Cristo humanizado em O evangelho segundo Jesus Cristo: releitura da história bíblica. **Revista Graduando**. UFES, nº 2, jan./jun./2011. Disponível no site: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n2/n2.95-105.pdf>. Acesso ago./2017.

DIAS, Bruno Vinícius KUTELAK. **O sagrado e o profano em Caim e O evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago**. UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ Trabalho de conclusão de curso. 60 p. Curitiba, 2014.

DUARTE, L.P., MALARD, L., MIRANDA, W.M. José Saramago, tecedor da História. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**, n. 12. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 1988, p. 90-100.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno** - arquétipos de repetição. Trad. Manuela Torres. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. **O sagrado e o profano** - a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRAZ, Salma. Confluências Textuais no (Des) Evangelho Segundo José Saramago. **Uniletras**, v. 18, dez/96. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996.

FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu** – José Saramago. Juiz de Fora: EDUFJF, 2003.

GANCHO, Cândida Vilarés. Como analisar narrativas. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993

GÓES, Ana Beatriz Hack. **O Mito cristão na literatura**: olhares sobre Jesus em romances brasileiros. Tese de doutorado. 171 p. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

GÓES, Laércio Torres de. **O mito cristão no cinema**: o verbo se fez luz e se projetou entre nós. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEITE, José Jr. **O narrador recusado por Saramago**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/120533> . Acesso em: 12/04/2017

LOPES, João Marques. Saramago: biografia. São Paulo: Leya, 2010.

LOURENÇO, Almeida Diana. **O narrador em O evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago**. Muitas Vozes. Ponta Grossa, 2015.

MOIANA, Murilo. A humanização do divino em “O evangelho segundo Jesus Cristo”, de José Saramago. **Revista Urutágua**, Maringá, n.10, ago./nov.2006. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/010/10moiana.html>>. Acesso em: 12/04/2017.

REBELO, Luis de Souza. José Saramago: 'O ano da morte de Ricardo Reis'. In: **Revista Colóquio Letras**, n. 88. Lisboa, nov/dez, 1985, pp. 144-148.

REIS, Carlos. **Diálogos com Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.

ROANI, Gerson Luiz. **Espaço que a história tece na ficção de Saramago**. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. 2001.

SANTOS, Patrícia Conceição Silva. **O evangelho saramaguiano e a inversão paródica do texto bíblico**. XIV Congresso Internacional Abralic. Belém, 2015.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. Entrevista de José Saramago a José Carlos Vasconcelos. In: **Revista Visão**, Lisboa, 2003.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1996.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Literatura. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível no site: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura/>. Acesso set./2018.